

OLIVER SACKS

SEMPRE EM MOVIMENTO
Uma vida

Tradução
DENISE BOTTMANN



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2015 by Oliver Sacks
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
On the Move: A Life

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa
Elena Seibert

Preparação
Leny Cordeiro

Índice remissivo
Luciano Marchiori

Revisão
Ana Maria Barbosa
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Sacks, Oliver
Sempre em movimento : Uma vida / Oliver Sacks. — 1ª ed.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2015.

Título original: On the Move : A Life.

ISBN 978-85-359-2613-2

1. Neurologistas — Inglaterra — Biografia 2. Neurologistas — Estados Unidos — Biografia 3. Sacks, Oliver W. I. Título.

15-04785

CDD - 616.80092

Índice para catálogo sistemático:

1. Neurologistas : Vida e obra 616.80092

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Em movimento	11
Deixando o ninho	45
San Francisco	63
Muscle Beach	85
Fora do alcance	116
Tempo de despertar	146
O touro na montanha	179
Uma questão de identidade	207
City Island	233
Viagens	267
Uma nova visão da mente	289
Em casa	317
<i>Agradecimentos</i>	331
<i>Notas</i>	333
<i>Índice remissivo</i>	347

EM MOVIMENTO

Quando menino, no colégio interno para onde fui mandado durante a guerra, eu tinha uma sensação de aprisionamento e de impotência e ansiava por movimento e poder, por movimentos ágeis e poderes sobre-humanos. Podia senti-los, por curto tempo, quando sonhava que estava voando e, de uma maneira diferente, quando ia andar a cavalo no povoado perto da escola. Eu gostava da potência e da flexibilidade do meu cavalo e ainda lembro o seu movimento leve e jovial, o seu calor e o cheiro adocicado de feno.

Mais que tudo, eu gostava de motocicletas. O meu pai havia tido uma moto antes da guerra, uma Scott Flying Squirrel com um grande motor refrigerado a água, que fazia um barulho que parecia um grito, e eu queria uma moto potente para mim também. Imagens de motos, aviões e cavalos se fundiam na minha cabeça, junto com imagens de motociclistas, caubóis e pilotos, que eu imaginava terem um controle apenas precário, mas muito emocionante, sobre as suas eficientes montarias. Minha imaginação infantil era alimentada por filmes de faroeste e de heroicos combates aéreos, vendo pilotos arriscarem a vida em Hurrricanes e Spitfires, mas protegidos com suas pesadas jaquetas de voo, como os motociclistas com seus capacetes e casacos de couro.

Quando voltei a Londres em 1943, com dez anos, gostava de me sentar junto à janela na sala da frente da nossa casa, olhando e tentando identificar as motos que passavam (depois da guerra, quando ficou mais fácil ter gasolina, elas se tornaram muito mais comuns). Eu sabia identificar umas doze marcas ou mais: AJS, Triumph, BSA, Norton, Matchless, Vincent, Velocette,

Ariel e Sunbeam, além de motos estrangeiras mais raras, como BMWs e Indians.

Na adolescência, eu ia regularmente ao Palácio de Cristal com um primo de gosto parecido com o meu, para assistirmos às corridas de motocicleta. Muitas vezes ia de carona até Snowdonia para fazer escaladas ou até o distrito dos Lagos para nadar e em algumas ocasiões pegava carona numa moto. Ficava entusiasmado por ir na garupa e sonhava com a moto potente e lustrosa que algum dia teria.

Minha primeira motocicleta, aos dezoito anos, foi uma BSA Bantam de segunda mão, com um motorzinho de dois tempos e, como vi logo depois, com defeito no freio. Fui inaugurá-la com um passeio pelo Regent's Park, o que foi uma sorte e provavelmente me salvou a vida, pois, quando acelerei, o cabo do acelerador enroscou e o freio não tinha força suficiente para parar a moto ou sequer para diminuir muito a velocidade. O Regent's Park é rodeado por uma estrada, e ali fiquei circulando por ela, encarapitado numa moto que eu não tinha como parar. Eu buzinava e gritava para alertar os pedestres a sair da frente, mas, depois de duas ou três voltas, todo mundo abria caminho e gritava para me encorajar, enquanto eu passava mais uma vez. Sabia que alguma hora, quando a gasolina acabasse, a moto ia parar, e finalmente, depois de dezenas de voltas involuntárias em torno do parque, o motor engasgou e morreu.

Minha mãe desde o começo tinha sido bastante contrária ao meu desejo de ter moto. Isso era de esperar, mas fiquei surpreso com a oposição do meu pai, visto que ele mesmo já tivera uma. Os dois haviam tentado me dissuadir da ideia comprando-me um carrinho pequeno, um Standard 1934 que mal conseguia fazer 65 quilômetros por hora. Vim a odiar o carrinho, e um dia, num impulso, vendi-o e usei o dinheiro para comprar a Bantam. Então precisei explicar aos meus pais que um carrinho ou uma moto pequena eram perigosos, pois se surgisse algum problema, não teria força para escapar, e eu estaria muito mais seguro com uma moto maior e mais potente. Relutantes, eles concordaram e me deram dinheiro para uma Norton.

Com minha primeira Norton, de 250 cilindradas, quase tive

alguns acidentes. O primeiro foi quando me aproximei rápido demais de um sinal vermelho e, percebendo que não conseguiria frear nem virar com segurança, segui direto em frente e passei — por milagre — entre as duas filas de carros andando em direções contrárias. A reação veio um minuto depois: rodei mais um quarteirão, parei a moto no acostamento — e desmaiei.

O segundo acidente aconteceu à noite, com chuva forte, numa estrada rural cheia de curvas. Um carro em sentido oposto manteve o farol alto e a luz me cegou. Achei que ia bater bem de frente, porém no último instante saltei da moto (expressão de um eufemismo absurdo para uma manobra potencialmente salvadora, mas também potencialmente fatal). A moto foi para um lado (ela não acertou o carro, mas ficou destruída) e eu para o outro. Por sorte, eu estava com calça e casaco de couro, capacete, botas e luvas, e mesmo que a queda tenha me arrastado uns vinte metros pela estrada, escorregadia por causa da chuva, minha roupa me protegeu tão bem que não sofri sequer um arranhão.

Meus pais ficaram apavorados, mas muito contentes por eu ter saído inteiro, e curiosamente não levantaram grandes objeções quando comprei outra moto, mais potente: uma Norton Dominator de seiscentas cilindradas. A essa altura, eu concluía meus estudos em Oxford e estava de partida para Birmingham, para ocupar uma vaga de cirurgião substituto no primeiro semestre de 1960, e tomei o cuidado de dizer que, com a nova estrada M1, recém-aberta entre Birmingham e Londres, e uma moto veloz, eu podia vir para casa todos os fins de semana. As estradas de rodagem naqueles tempos não tinham limite de velocidade, e assim eu podia fazer o trecho em uma hora e pouco.

Conheci um grupo de motociclistas em Birmingham e assim encontrei o prazer de participar de um grupo que dividia a mesma paixão; até então, eu sempre fora um motoqueiro solitário. Os campos que rodeavam Birmingham estavam bastante preservados, e era um prazer especial ir até Stratford-upon-Avon para assistir a qualquer peça de Shakespeare que estivesse em cartaz.

Em junho de 1960, fui ao Tourist Trophy (TT), a grande corrida de motociclismo realizada anualmente na Ilha de Man. Consegui arranjar uma braçadeira do Emergency Medical Servi-

ce, que me permitia visitar os boxes e ver alguns dos motociclistas. Tomei notas meticulosas, com planos de escrever um romance sobre corridas de motos ambientado na Ilha de Man — realizei muitas pesquisas para esse projeto —, mas ele nunca decolou.¹

A Marginal Norte em torno de Londres também não tinha limite de velocidade nos anos 1950 — muito convidativa para quem gostava de velocidade — e havia um bar famoso, o Ace, que era basicamente um ponto de encontro de motoqueiros com máquinas velozes. “*Doing the ton*” — fazer cem milhas por hora [164 quilômetros por hora] — era o critério mínimo para integrar o núcleo do grupo, os Ton-Up Boys.

Muitas motos, mesmo naquela época, alcançavam cem milhas, especialmente se fossem um pouco turbinadas, aliviadas do peso supérfluo (inclusive o escapamento) e abastecidas com gasolina de alta octanagem. Um desafio maior era apostar corridas em estradas secundárias, e você corria o risco de ser desafiado para uma delas logo que entrava no bar. Mas não se incentivava o “duelo de estrada”;* a Marginal Norte, mesmo naquela época, às vezes tinha trânsito muito carregado.

Nunca entrei em duelo de estrada, porém gostava de tirar racha na pista; a minha “Dommie” de seiscentas cilindradas era ligeiramente turbinada, mas não tinha como encarar as Vincents de mil cilindradas, preferidas pelo pessoal do Ace. Certa vez experimentei uma Vincent, mas ela me pareceu tremendamente instável, sobretudo em baixa velocidade, muito diferente da minha Norton, que tinha um chassi do modelo Feather Bed e uma estabilidade maravilhosa, em qualquer velocidade. (Fiquei ima-

* Em inglês “*play chicken*”, uma disputa de carros ou motos, em que os dois adversários se põem um diante do outro e partem para cima. O que se desviar primeiro, perde. Existe a infame tradução literal de “jogo da galinha”, usada em teoria dos jogos, sociologia, política etc., como essa ideia de um enfrentamento frontal e radical de dois adversários, até as últimas consequências. Não se pratica, nunca se praticou o “*game of chicken*” no Brasil. *To play chicken* pode designar também o cara que sai costurando no trânsito, pois galinha sai correndo em zigue-zague. (N. T.)

ginando se daria para adaptar um motor da Vincent num chassi da Norton, e anos depois descobri que essas Norvins existiam.) Quando criaram limite de velocidade, deixamos de fazer cem milhas; a diversão acabou e o Ace deixou de ser o que era.

Quando eu tinha doze anos, um professor bastante perspicaz anotou no seu relatório: “Sacks vai longe, se não for longe demais”, coisa que acontecia com frequência. Quando menino, muitas vezes eu ia longe demais nas minhas experiências químicas, enchendo a casa com gases tóxicos; por sorte, nunca incendeiei o lugar.

Gostava de esqui e, aos dezesseis anos, fui numa excursão da escola até a Áustria, para esqui nas montanhas. No ano seguinte, fui sozinho a Telemark, para fazer esqui *cross-country*. Esqui foi ótimo e, antes de pegar a balsa de volta para a Inglaterra, comprei dois litros de aquavita no free shop e passei pelo posto de controle da Noruega. No que dizia respeito à alfândega norueguesa, eu podia estar com quantas garrafas quisesse, mas (informaram-me eles) só podia *entrar* com uma garrafa na Inglaterra; a alfândega britânica confiscaria a outra. Subi a bordo com as minhas duas garrafas e fui para o convés superior. Era um dia muito claro e gelado, mas, vestido com todas as minhas roupas quentes de esqui, não vi grandes problemas; todos os outros passageiros estavam dentro da balsa e eu tinha o convés superior inteiro para mim.

Tinha o meu livro para ler — estava lendo *Ulysses*, bem devagar — e a minha aquavita para bebericar: nada como o álcool para aquecer a gente por dentro. Embalado pelo movimento suave e hipnótico do navio, tomando um trago de vez em quando, fiquei sentado no convés superior, absorvido pela leitura. A certa altura, fiquei surpreso ao descobrir que, de gole em gole, que ia aumentando aos pouquinhos, eu havia bebido quase metade da garrafa. Não senti nenhum efeito, e assim continuei a ler e a bebericar pelo gargalo, tendo de erguer cada vez mais a garrafa, agora que estava semivazia. Fiquei espantado quando notei que estávamos atracando; ficara tão absorvido em *Ulysses* que não

percebi o tempo passar. A garrafa, agora, estava vazia. Ainda não sentia nenhum efeito; a coisa deve ser muito mais fraca do que dizem, pensei, mesmo que o rótulo dissesse “teor alcoólico cinquenta por cento”. Não notei nenhuma diferença, até a hora em que me levantei e caí de cara no chão. Minha surpresa foi imensa: o navio tinha adernado de repente? Então me levantei e de imediato caí outra vez.

Só aí comecei a perceber que estava bêbado — muito, mas muito bêbado —, embora, pelo visto, o álcool tivesse ido direto para o cerebelo, sem me afetar o resto da cabeça. Ao subir para verificar se todos haviam desembarcado, um tripulante me encontrou enquanto eu tentava andar apoiado nos bastões de esqui. Ele chamou um ajudante, e os dois, um de cada lado, me escoltaram até o desembarque. Embora cambaleando muito e atraindo a atenção (divertida, de modo geral), senti-me como se tivesse derrotado o sistema, saindo da Noruega com duas garrafas, mas chegando com apenas uma. Surrupicara da alfândega britânica uma garrafa que, imaginava eu, os fiscais bem que gostariam de pegar para si próprios.

O ano de 1951 foi movimentado e, em alguns aspectos, doloroso. Minha tia Birdie, que fora presença constante na minha vida, morreu no mês de março; ela morava conosco desde que eu nasci e amava incondicionalmente a todos nós. (Birdie era uma mulherzinha miúda e de inteligência modesta, a única em tanta desvantagem entre as irmãs e os irmãos da minha mãe. Eu nunca soube muito bem o que acontecera com ela quando pequena; falavam de uma lesão na cabeça quando bebê, mas também de uma deficiência congênita da tireoide. Nada disso tinha importância para nós; era a titia Birdie, parte essencial da família.) A morte de Birdie me afetou profundamente e talvez só então percebi como ela estava entrelaçada à minha vida, a todas as nossas vidas. Uns meses antes, quando consegui uma bolsa em Oxford, foi ela quem me entregou o telegrama, me abraçou e me deu os parabéns — derramando algumas lágrimas também, pois sabia

que isso significava que eu, o seu sobrinho mais novo, iria sair de casa.

Eu devia ir para Oxford no final do verão. Acabara de fazer dezoito anos, e meu pai pensou que era o momento de ter uma conversa de pai para filho, de homem para homem. Falamos de dinheiro e mesadas — nada demais, pois meus hábitos eram muito frugais e minha única extravagância eram os livros. E então meu pai passou ao que realmente o preocupava.

“Parece que você não tem muitas namoradas”, disse ele. “Você não gosta de garotas?”

“Tudo bem com elas”, respondi, querendo que a conversa parasse por ali.

“Prefere garotos, talvez?”, insistiu ele.

“É, prefiro, mas é só uma sensação, nunca ‘fiz’ nada”, e então acrescentei, temeroso, “Não conte para mamãe: ela não aceitaria.”

Mas meu pai contou e, na manhã seguinte, ela desceu de cara muito fechada, uma cara que eu nunca tinha visto antes. “Você é uma abominação”, disse ela. “Quisera que você nunca tivesse nascido.” Então saiu e passou vários dias sem falar comigo. Quando voltou a falar, não houve nenhuma menção ao que ela dissera (e nunca mais voltou ao assunto), mas alguma coisa mudara entre nós. Minha mãe, tão aberta e que me dava tanto apoio de inúmeras maneiras, era dura e inflexível nessa área. Leitora da Bíblia como meu pai, amava os Salmos e o Cântico de Salomão, mas vivia perseguida pelos versículos terríveis do Levítico: “Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação”.

Meus pais, como médicos, tinham muitos livros de medicina, inclusive vários sobre “patologia sexual”, e aos doze anos de idade eu mergulhara em Krafft-Ebing, Magnus Hirschfeld e Havelock Ellis. Mas eu achava difícil sentir que tinha uma “condição”, que a minha identidade pudesse ser reduzida a um nome ou a um diagnóstico. Meus amigos na escola sabiam que eu era “diferente”, quando menos porque evitava festas que terminassem em afagos e amassos.

Enterrado em química e depois em biologia, eu não perce-

bia muito o que se passava em volta — ou dentro — de mim, e não tinha nenhuma paixão por ninguém na escola (embora ficasse excitado com uma reprodução em tamanho natural, no alto da escadaria, da famosa estátua de um belo e musculoso Laocoonte nu, tentando salvar os filhos das serpentes). Eu sabia que a mera ideia de homossexualidade despertava horror em certas pessoas; desconfiava que podia ser este o caso com a minha mãe, e por isso pedi ao meu pai: “Não conte para mamãe: ela não aceitaria”. Talvez nem devesse ter contado ao meu pai; de modo geral, eu via a minha sexualidade como assunto exclusivo meu, não um segredo, mas tampouco um assunto a ser comentado pelos outros. Meus melhores amigos, Eric e Jonathan, sabiam, mas quase nunca falávamos do assunto. Jonathan dizia que me via como “assexuado”.

Todos nós somos frutos da nossa criação, da nossa cultura e da nossa época. E preciso lembrar constantemente que a minha mãe nasceu nos anos 1890, teve uma formação ortodoxa e que o comportamento homossexual na Inglaterra, nos anos 1950, era tratado não só como perversão, mas como crime. Preciso lembrar também que o sexo é uma daquelas áreas — como a religião e a política — em que pessoas em geral racionais e afáveis podem ter sentimentos irracionais e intensos. Minha mãe não pretendia ser cruel ao me desejar morto. Agora entendo que ela foi tomada de um descontrole súbito e provavelmente lamentou o que disse, ou talvez tenha afastado aquele seu voto para um compartimento mental separado.

Mas suas palavras me perseguiram durante grande parte da minha vida e desempenharam um papel importante, inibindo e instilando sentimento de culpa em algo que deveria ser uma expressão de sexualidade livre e prazerosa.

Meu irmão David e sua esposa Lili, ao saberem da minha falta de experiência sexual, julgaram que ela poderia ser atribuída à timidez e que uma boa mulher, ou mesmo uma boa trepada, me botaria nos eixos. Perto do Natal de 1951, depois do meu primeiro período em Oxford, os dois me levaram a Paris na in-

tenção não só de visitar os pontos turísticos — o Louvre, a Notre Dame, a Torre Eiffel —, mas de me conduzir a uma gentil prostituta que me mostraria o caminho, ensinando-me com paciência e habilidade o que era o sexo.

David e Lili escolheram uma prostituta de idade e caráter adequados — entrevistaram-na antes, explicando a situação — e então entrei no quarto dela. Estava tão assustado que o meu pênis murchou de medo e os meus testículos tentaram se esconder na minha cavidade abdominal.

A prostituta, que parecia uma das minhas tias, entendeu a situação num relance. Falava bem inglês (tinha sido um dos critérios de seleção) e disse: “Não se preocupe. Em vez disso, vamos tomar uma boa xícara de chá”. Ela tirou biscoitinhos e coisas para o chá, pôs uma chaleira no fogo e perguntou que tipo de chá eu preferia. “Lapsang”, respondi. “Gosto do cheiro de defumado.” A essa altura, eu tinha recuperado a voz e a confiança, e ficamos conversando à vontade enquanto tomávamos nosso chá defumado.

Fiquei meia hora e depois saí; meu irmão e a esposa aguardavam ansiosos no lado de fora. “Como foi, Oliver?”, perguntou David. “Ótimo”, respondi, espanando os farelos da barba.

Aos catorze anos, ficou “entendido” que eu ia ser médico. Meus pais eram, ambos, médicos, assim como meus dois irmãos mais velhos.

Mas eu não sabia muito bem se queria ser médico. Não podia mais alimentar os planos de ser químico; a própria química avançara muito além da química inorgânica setecentista e oitocentista que eu tanto amava. Mas, aos catorze ou quinze anos, inspirado pelo meu professor de biologia na escola e por *A rua das ilusões perdidas*, de Steinbeck, achei que gostaria de ser biólogo marinho.

Quando obtive a bolsa para Oxford, precisei me decidir: ficaria com a zoologia ou faria o curso de medicina, com matérias de anatomia, bioquímica e fisiologia? O que mais me fascinava era a fisiologia dos sentidos — como víamos a cor, a profundida-

de, o movimento? Como *reconhecíamos* alguma coisa? Como entendíamos o mundo, visualmente? Eu desenvolvera esses interesses desde cedo tendo enxaquecas visuais, pois, além dos zigue-zagues cintilantes que antecediavam um ataque, durante o prenúncio da enxaqueca eu podia perder o senso de cor, de profundidade ou de movimento, ou até a capacidade de reconhecer qualquer coisa. Minha visão se desfazia e se desconstruía na minha frente de maneira assustadora, mas também fascinante, e então se refazia e se reconstruía, tudo isso no espaço de poucos minutos.

O meu pequeno laboratório químico caseiro funcionava também como quarto de revelação fotográfica, e eu sentia especial atração por fotografias em cores e estereografias; elas também me levavam a indagar como o cérebro interpretava cor e profundidade. Eu me encantara muito com a biologia marinha, tanto quanto com a química, mas agora queria entender como funcionava o cérebro humano.

Nunca tive grande autoconfiança intelectual, embora fosse considerado muito inteligente. Tal como meus dois melhores amigos da escola, Jonathan Miller e Eric Korn, eu tinha paixão por ciência e literatura. Admirava profundamente a inteligência de Jonathan e Eric e não conseguia entender por que eles andavam comigo, mas nós três conseguimos bolsas para a universidade. Então enfrentei algumas dificuldades.

Em Oxford, para entrar, a pessoa precisava fazer um exame preliminar que chamavam de “*prelims*”; no meu caso, seria mera formalidade, pois já conseguira a bolsa. Mas fui reprovado no *prelims*; fiz outra vez, fui reprovado de novo. Fiz o exame pela terceira vez e novamente fui reprovado, e a essa altura o diretor, sr. Jones, me chamou de lado e disse: “Você apresentou ensaios excelentes para a bolsa, Sacks. Por que insiste em ser reprovado nesse exame bobo?”. Respondi que não sabia, e ele falou: “Bom, esta é sua última chance”. Então fiz o exame pela quarta vez e finalmente passei.

Na St. Paul's School, com Eric e Jonathan, eu podia ter uma grade mista com matérias de artes e ciências. Eu era presidente da nossa sociedade literária e, ao mesmo tempo, secretário do Field Club. Essa grade mista era mais difícil em Oxford, pois o departamento de anatomia, os laboratórios de ciências e a Radcliffe Science Library ficavam juntos na South Parks Road, longe das faculdades e salões de leitura da universidade. Havia uma separação física e social entre os que cursavam ciências ou medicina e o restante da universidade.

Senti bastante essa diferença no meu primeiro semestre em Oxford. Tínhamos de fazer trabalhos escritos e apresentar aos nossos orientadores, e isso significava passar muitas horas na Radcliffe Science Library, lendo artigos e pesquisas, separando o que parecia mais importante e apresentando o material num texto que fosse interessante e original. Era agradável e até emocionante passar um bom tempo lendo textos de neurofisiologia — novas áreas imensas pareciam se abrir —, mas eu percebia cada vez mais o que faltava agora na minha vida. Não fazia outras leituras gerais, exceto os *Essays in Biography*, de Maynard Keynes, e eu queria escrever os meus próprios “Ensaio biográficos”, mas com uma abordagem clínica — ensaios apresentando pessoas com forças ou fragilidades incomuns e mostrando a influência dessas características especiais nas suas vidas; seriam, em suma, biografias clínicas ou relatos de caso.

O meu primeiro (e, no caso, único) tema foi Theodore Hook, cujo nome eu encontrara ao ler uma biografia de Sydney Smith, o grande espirituoso dos primórdios da era vitoriana. Hook também era um grande conversador, de muita verve, dez ou vinte anos anterior a Sydney Smith; dispunha ainda de uma capacidade incomparável de criação musical. Dizia-se que ele compusera mais de quinhentas óperas, sentado a um piano, improvisando e cantando todos os papéis. Eram flores que brotavam ali no momento — belas, surpreendentes e efêmeras; eram improvisadas ali mesmo, nunca anotadas, nunca repetidas e logo esquecidas. Fiquei extasiado com as descrições do gênio improvisador de Hook: que espécie de cérebro permitia isso?

Comecei a ler tudo o que encontrava sobre Hook, bem como

alguns dos livros que ele mesmo escrevera; pareciam estranhamente insípidos e forçados, em contraste com os relatos de suas improvisações fulminantes e de uma criatividade desvairada. Pensei muito sobre Hook e, quando se aproximava o final do semestre de outono, redigi um ensaio sobre ele, um ensaio que preencheu seis folhas de papel almaço datilografado, com 4 ou 5 mil palavras ao todo.

Pouco tempo atrás, encontrei esse ensaio dentro de uma caixa, junto com outros escritos de juventude. Ao ler, fiquei impressionado com a fluência, a erudição, a pretensão e a pomposidade do texto. Não parece a minha maneira de escrever. Será que peneirei ou alinharei a coisa toda a partir de uma meia dúzia de fontes, ou era mesmo o meu modo de escrever, envolto num estilo erudito e professoral, que adotara para compensar o fato de ser um rapazola imaturo de dezoito anos de idade?

Hook era uma distração; meus ensaios, na maioria, versavam sobre assuntos fisiológicos, que devia ler todas as semanas para o meu orientador. Quando cheguei ao tema da audição, fiquei tão empolgado, li tanto e pensei tanto que nem tive tempo de redigir o texto. Mas, no dia da apresentação, entrei com um bloco de papel e fingi que estava lendo, virando as páginas, enquanto discorria sobre o tema. A certa altura, Carter (dr. C. W. Carter, meu orientador na Queen's) me interrompeu.

“Não entendi bem isso”, disse ele. “Pode ler outra vez?” Um pouco nervoso, tentei repetir as duas últimas frases. Carter fez um ar intrigado. “Deixe-me ver”, disse ele. Estendi o bloco em branco. “Admirável, Sacks”, comentou ele. “Realmente admirável. Mas no futuro quero que você faça os seus trabalhos *por escrito*.”